



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

JOSENILDO MOREIRA DA SILVA JÚNIOR

ENLARGUECER O DEBATE:
UM OLHAR SOBRE A POPULAÇÃO GORDA

Salvador
2018

JOSENILDO MOREIRA DA SILVA JÚNIOR

**ENLARGUECER O DEBATE:
UM OLHAR SOBRE A POPULAÇÃO GORDA**

Memória descritiva do especial jornalístico apresentado como requisito final para a conclusão do curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Graciela Natansohn

Salvador
2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSENILDO MOREIRA DA SILVA JÚNIOR

ENLARGUECER O DEBATE

Um olhar sobre a população gorda

Memória descritiva do especial jornalístico apresentado como requisito final para a conclusão do curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Prof^a. Dr^a. Leonor Graciela Natansohn (Orientadora)

Prof. Dr. José Roberto Severino (Avaliador Interno) (Faculdade de Comunicação,
Universidade Federal da Bahia)

Prof. Adalton dos Anjos Fonseca (Avaliador Externo)

Salvador, 18 de julho de 2018

Às pessoas que, assim como eu, sofrem
com a gordofobia diariamente. Força.

AGRADECIMENTOS

Fazer um Trabalho de Conclusão de Curso em plena efervescência das memórias que se apagam após 24 horas é um desafio grande, pois vai de encontro à lógica do “aqui e agora”. É preciso dedicação, estudo e paciência. Muita paciência. Não é fácil, mas ter apoio dos seus faz toda a diferença na caminhada. Aos meus pais, Zita Maria (Bitinho) e Josenildo Moreira, muito obrigado por toda a confiança depositada até mesmo na desconfiança. Chegar até aqui só foi possível porque vocês – guardadas as devidas proporções - não desistem de mim. Ao meu irmão, Jadson Francisco, muito obrigado por toda a parceria de sempre e em especial por ter se dedicado ao TCC de forma tão linda e fraternal. Amo vocês!

Aos meus amigos, amigas e familiares que ouviram as reclamações, que foram palcos para os meus ataques e que serviram de conforto no desespero, muito obrigado. À professora Graciela por todo o ensino e por ter me deixado voar, muito obrigado. Ao professor Adalton que serviu de horizonte em um momento tão delicado, muito obrigado. Ao time do Bahia Notícias pelos ensinamentos, muito obrigado. Às minhas fontes que abriram suas dores mais profundas em prol de um projeto é que de todos nós, muito obrigado.

Outro dia, uma amiga – que também estava na labuta do TCC – desabafou pedindo para que não menosprezásemos a ansiedade e o nervosismo de ninguém. Afinal, cada um reage de uma forma à pressão. A mensagem ficou martelando na cabeça por algumas horas e entendi que esse alerta, talvez, tenha sido a minha maior lição do processo. Sendo assim, internalizei que, além de agradecer por desenvolver o meu, prestar atenção na dificuldade do outro para tentar estender uma mão faria toda a diferença. Espero ter conseguido.

Por fim, queria agradecer a minha madrinha Bebeu, que nos deixou tão cedo, mas que em vida me preparou para lutar pelo que acredito. Se hoje estou concluindo a segunda graduação, acumulando tantas histórias e aprendizados, devo muito a ela. A conquista é nossa. Te amo pra sempre.

SILVA JÚNIOR, Josenildo Moreira. *Enlarguecer o debate: um olhar sobre a população gorda*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RESUMO

Este memorial descritivo compreende as etapas teóricas e práticas adotadas no processo de concepção e elaboração do especial jornalístico *Enlarguecer o debate: um olhar sobre a população gorda* apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. Hospedado na internet em forma de um especial para o portal *Bahia Notícias*, o produto tem como objetivo debater algumas questões que envolvem a população gorda, como o preconceito sofrido no mercado de trabalho, dificuldades no acesso a bens e serviços, além de tirar dúvidas sobre a cirurgia bariátrica – quando e de qual maneira deve ser considerada - e mostrar como o empoderamento e o trabalho conjunto ajudam a combater a gordofobia. Este é, portanto, o papel deste trabalho: abrir o debate para o tema e mostrar as dificuldades que muitos gordos e gordas encontram de viver em uma sociedade pensada para pessoas magras. Link para o produto: <https://especialobesidade.000webhostapp.com/>

Palavras-chave: comunicação – saúde – pessoas gordas – especial– jornalismo – gordofobia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	16
Ilustração 2.....	21
Ilustração 3.....	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	JUSTIFICATIVA	11
3	ASPECTOS TEÓRICOS	12
3.1	CONTEÚDO.....	12
3.1.1.	O ser magro como padrão de corpo.....	12
3.1.2.	A medicalização da obesidade.....	14
3.2	FORMATO.....	16
3.2.1	Papel do jornalista.....	18
3.2.2	O produto.....	19
3.2.2.1	As pautas.....	21
3.2.2.2	As fontes.....	24
4	CRONOGRAMA	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	28
	APÊNDICE – Pautas	31

1 INTRODUÇÃO

Elaborar um projeto que aborde questões das pessoas gordas é, antes de tudo, um protesto. Nasci uma criança gorda e segui me desenvolvendo assim. Com o tempo, passei a ser o maior da turma dos amigos, alvo de piadas na rua e na escola, o rejeitado nas atividades esportivas e fui entendendo que situações que ocorriam comigo eram originadas do fato da sociedade não me aceitar e não entender a multiplicidade dos corpos possíveis. Era no dia a dia que a gordofobia falava comigo.

“Você precisa emagrecer”, “Tenho uma dieta ótima para você”, “Ninguém vai te querer quando crescer”, “Você come muito?”. Frases como essas passaram a fazer parte do meu cotidiano e viver tudo isso, principalmente durante a adolescência – momento em que nossa personalidade está sendo formada –, não foi fácil. Quis sumir algumas vezes. Precisei me agarrar ao que acreditava para enfrentar – mesmo sem saber como – essa padronização imposta sobre o corpo.

Associado a isso, ter uma família e amigos (as) que incentivassem a minha criatividade e segurança, me fez forte e especialmente capaz de ultrapassar todas as barreiras que surgissem. Porém, com o tempo, percebi que virei uma exceção. Infelizmente, muito dos meus semelhantes não têm essa base no dia a dia e como as nossas questões não costumam ser debatidas amplamente, muitas dessas pessoas acabam se isolando e sem saber como lidar com o preconceito.

Ciente dessa carência de ter um espaço que discutisse questões da população gorda, sem exclusivamente estar pautado em “dietas para emagrecer”, e entendendo o meu lugar de comunicador e parte ativa dessa causa, surgiu a ideia de fazer um especial multimídia focado em problemáticas da população gorda. Contudo, costumo dizer que a pesquisa efetivamente começou após uma matéria para a disciplina Oficina de Jornalismo Digital, ministrada pelo professor Adalton dos Anjos, no semestre 2017.1.

Na ocasião, em parceria com o repórter Thiago Conceição, trouxemos algumas histórias de mulheres gordas que têm seus corpos vistos apenas como alvos de fetiches sexuais masculinos e os efeitos proporcionados por isso em suas vidas, como problemas de autoestima, dificuldades de encontrar parceiros e solidão. Compartilhar tais histórias me fez de fato entender que o meu lugar era de dar voz às questões que de certo modo sempre foram minhas também.

É importante salientar que este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema, mas sim de abrir o espaço para a discussão e reflexão não só sobre casos isolados, mas sobre a realidade da gordofobia nas vidas dessas pessoas. Bem como trazer à tona algumas opções de como repensar essa sociedade que privilegia o corpo magro. Realizá-lo é apenas um passo em um processo que envolve apuração, dedicação, produção, edição e escrita.

A escolha por um especial jornalístico online se deu por entender as possibilidades multimídias que a internet possibilita, com a inserção de vídeos, gifs, áudios e hiperlinks, além de imagens e textos. Já hospedá-lo no portal Bahia Notícias foi por saber do alcance que o veículo possibilita aos seus produtos, pois apesar de ser pensado para trazer questões da população gorda, o mundo mais confortável só será possível quando todos respeitarem o outro e para isso é preciso conhecer esse “o outro”.

2 JUSTIFICATIVA

A vontade de fazer um produto como trabalho de conclusão de curso sempre foi o meu objetivo durante a graduação. Inicialmente, quis fazer a biografia de Maria do Carmo. Nascida em Alagoinhas, interior da Bahia, Bebeu, como era conhecida na cidade, foi uma mulher negra, gorda, feminista, Agente Comunitária de Saúde e militante do Partido dos Trabalhadores (PT) que morreu aos 49 anos, vítima de um infarto fulminante, em 2015. Além disso, era minha tia, madrinha e segunda mãe. Ao perceber que sua morte virou notícia nos quatro cantos da cidade, rendendo-lhe homenagens de grandes personalidades do Estado, entendi que imortalizar sua história seria o meu papel.

Contudo, após primeiro contato com a minha orientadora Graciela Natansohn, percebi que esse é um projeto de vida, que merece um estudo delicado, intenso e minucioso, pois vai além de um TCC. Assim, apresentei como segunda opção fazer um especial jornalístico que trouxesse problemas e assuntos relacionados às pessoas gordas que não são tratados pela grande imprensa. Ou quando são lembrados, estão pautados sempre pela ótica da “busca por formas para emagrecer” como uma necessidade para se encaixar em padrão de corpo imposto.

Somado a isso, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de 2013, 51% da população da Bahia está acima do peso e o recorte soteropolitano traz um percentual de 53,8%, de acordo com um estudo divulgado pelo Ministério da Saúde de 2016, sendo que o índice de obesos na capital baiana atinge 19,9%, valor maior que a média nacional (18,9%). Então, perceber que, apesar de representarmos uma grande parcela do Estado, nossas questões não são ouvidas e nem lembradas serviu de justificativa para a produção desse produto. Como dito na primeira linha da apresentação, antes de tudo, esse projeto trata-se de um protesto. Ser gordo não é falha de caráter, assim como ser magro não é sinônimo de saúde.

3 ASPECTOS TEÓRICOS

3.1 CONTEÚDO

3.1.1. O ser magro como padrão de corpo

Não é novidade que preconceito é tido como um dos maiores problemas do Brasil. Desde a chegada dos portugueses, em 1500, diversos tipos de discriminações foram sendo reveladas. Racismo, intolerância religiosa, preconceito social são os mais lembrados, por conta da forma como a história foi sendo construída no país, tendo os negros, pobres e índios como as populações mais atingidas no processo das conquistas territoriais e imposição cultural do povo europeu. Por isso e com as cobranças dos próprios brasileiros, as autoridades públicas vêm, ao longo do tempo, criando políticas para tentar minimizar essas dívidas históricas.

O debate é necessário, pois o massacre a esses povos foi arrasador. O saldo negativo da escravidão, por exemplo, é imenso. Até hoje a população negra é tratada como inferior, já que no decreto da abolição da escravatura pela Lei Áurea, oficialmente Lei Imperial n.º 3.353, em 13 de maio de 1888, após ter recebido, ao longo de mais de três séculos, cerca de quatro milhões de africanos como escravos (Heringer et al., 1989; IBGE, 1987), não garantiu a essas pessoas alguns direitos fundamentais, como acesso à terra e à moradia, que os permitissem exercer uma cidadania de fato.

Ao contrário, a falta de uma legislação complementar que abarcasse tal problemática contribuiu por condenar amplas camadas populares à exclusão, deixando-as por anos às margens das conquistas sociais. Contudo, até as minorias são heterogêneas. Ou seja, se atualmente é potente o debate – e legítimo – sobre a não aceitação do racismo, por exemplo, guardadas as devidas proporções, o mesmo ainda não é feito pela gordofobia.

Por gordofobia pode-se entender como a forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. Ou seja, “é o sentimento de repulsa ou acentuado desconforto para com pessoas consideradas gordas, fora dos padrões estéticos. Este sentimento pode estar seguido de atos de violência física, verbal, moral, psíquica, entre outros” (DEUFEL e NORONHA, 2014, p.01).

Quando se fala em padrão relacionado à beleza seria o conjunto de características que um corpo precisa apresentar para ser considerado como ideal por um determinado grupo de indivíduos. Sendo assim, quem não alcança este perfil passa a ser discriminado socialmente, no ambiente de trabalho, no lazer e mesmo em família. A gordura é associada à “feitura”, ao desleixo e principalmente à fraqueza de caráter.

Os manuais de autoajuda, a mídia e os conselhos dos *experts* em saúde levam os indivíduos a acreditarem que as imperfeições e defeitos corporais são resultado da negligência e ausência de cuidado de si. Com disciplina e boa vontade, qualquer um pode alcançar uma aparência mais próxima do padrão de beleza vigente. Àqueles que não o alcançam é reservada a estigmatização, o desprezo e a falta de oportunidades. (CASTRO, 2001, p.97).

Porém, nem sempre foi assim. Ao verificar as pinturas dos séculos XV até o XVI, por exemplo, os corpos dos nobres europeus eram retratados de formas volumosas e redondas, pois a “a gordura foi sinônimo de saúde, beleza e sedução” (ANDRADE, 2003, p.126). Nesse contexto, estar acima do peso era o ideal da classe dominante, já que o viver deles era abastecido do melhor alimento da época e se afastava de qualquer atividade física desgastante. Monteiro et al (2009) dizem que para a plebe “restava o trabalho braçal extenuante e a limitação na disponibilidade de comida. Ser obeso ou estar acima do peso estava associado ao poder, financeiro ou político”.

Esta forma de pensar vigora até as primeiras décadas do século XIX quando o mundo ocidental começa a caminhar com a Primeira Revolução Industrial¹ e as pessoas passam a sair de suas casas em busca do “pão de cada dia”. Por conta disso, há expansão da classe média além de um progresso no estilo de vida e nos índices de alfabetização. A Revolução Industrial abre portas para novas tecnologias, inclusive as de reprodução de imagens. Estas passaram a apresentar corpos sob uma nova forma, mais delgados, frutos de uma também nova sociedade que já se desenvolvia.

“As pessoas preferem assemelhar-se aos inovadores contemporâneos e menos aos seus antepassados” aponta Lipovetsky (1989, p.44). Assim, aos poucos, uma relação de negação à obesidade começa a ser propagada e defendida pelos meios de comunicação, indústrias e sociedade civil. “Simbolizando o velho, o passado, aquela que cede seu lugar à magreza, que

¹Movimento surgido na Inglaterra. A principal particularidade dessa revolução foi a substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas a vapor (1760 a 1860).

é a novidade e, portanto, preferida; sua influência é no sentido de significar o indesejado pela sociedade, o que as pessoas devem evitar” (FREITAS ET AL. 2008, p.394).

Sendo assim, a pessoa gorda passou a ser discriminada socialmente, no ambiente de trabalho, no lazer e mesmo em família. O corpo virou “o mais belo objeto de consumo” e a publicidade, que antes só chamava a atenção para um produto exaltando suas vantagens, hoje em dia serve, principalmente, para produzir o consumo como estilo de vida, procriando um produto próprio: o consumidor, perpetuamente intranquilo e insatisfeito com a sua aparência. (PALLONE DE FIGUEIREDO apud GOLDENBERG e RAMOS, 2012, p. 10).

3.1.2. A medicalização da obesidade

Aliada a essa mudança de visão sobre o corpo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu a obesidade como uma doença em 1975. Com isso, a ideia do “culto a magreza como padrão”, que ainda era dúvida para muitos, foi incorporada pelos veículos de comunicação, moda, esporte entre outros. Citando Poli Neto e Caponi (2007), Ribeiro (2016) considera ainda que essa nova forma de controle sobre o corpo e os padrões de beleza inalcançáveis tornam-se sustentados por uma série de indústrias e ficam legitimados pela medicina. Basicamente, o que a medicina faz é se apropriar de um discurso social e torná-lo norma. Este conceito é chamado de medicalização.

[...] é a assimilação (que envolve uma captura e uma transformação) de anomalias e variações físicas associadas à aparência física pela racionalidade biomédica. Há outras definições de medicalização, como: ampliação da jurisdição médica na sociedade, aumento do número de médicos e de empresas médicas, maior dependência da população de serviços médicos ou de medicamentos, entre outras. (POLI NETO e CAPONI, 2007, p. 572).

Medicalização é um processo pelo qual um problema humano de qualquer natureza e, até então, não clínico, passa a ser tratado como um problema médico, recebendo atenção especializada, sujeito a um diagnóstico e um tratamento médico (Conrad, 1992; Blackburn, 2011). Há muitos comportamentos e condições que nas últimas décadas passaram a ser medicalizados, como o transtorno de déficit de atenção, a anorexia, a infertilidade, a menopausa, a dependência química e de álcool e, também, a obesidade. (PALLONE DE FIGUEIREDO apud CONRAD; BLACKBURN, 2012, p. 4).

Desse modo, à medida que o discurso da medicina objetivava os sujeitos, a magreza foi se legitimando como uma obrigação. Se, por um lado a associação entre peso e beleza produziu o chamado “corpo da moda”: magro e por isso, “saudável”, elegante, bonito e desejado, por outro, discriminou o(s) sujeito(s), objetivando-os em ‘magro’ e ‘gordo’ e, ainda, atribuiu o valor estético positivo ao primeiro e negativo ao segundo. Para Vigarello (2012) “a história do gordo é a de um corpo (...) que a sociedade rejeita sem que a vontade possa sempre alterá-lo”.

Em uma história em quadrinhos, a cartunista argentina Maitena brinca com a situação, perguntando em cada um dos quadros o que é melhor do que ser linda, jovem, elegante, bem-sucedida, famosa, milionária, feliz ou encontrar o homem da vida. E a resposta é sempre a mesma: ser magra.



Ilustração 1. Peça do livro *Mulheres Alteradas 3*, da cartunista argentina Maitena (2003, p. 39)

Foucault (1989) aponta que, nesse contexto, os indivíduos são submetidos a modelos publicitários nos quais devem seguir. Essas imagens, reproduzidas e legitimadas pela publicidade (e pelos meios de comunicação), fazem com que o indivíduo modele seu corpo e obedeça aos modelos vigentes. Para Foucault (1987), “o corpo está inserido em uma teia de poderes que lhe ditam proibições e obrigações, coerções que determinam seus gestos e atitudes” (p. 80).

Ou seja, o sujeito que não se enquadra nesse perfil torna-se alvo de discriminação e no caso do obeso, principalmente o obeso severo, por ser um estigma físico visível (diferentemente de estigmas como ser portador do HIV ou esquizofrênico), é caracterizado por desacreditado, pois sua característica distintiva é imediatamente identificada (Goffman, 1978).

Com isso, entendendo os reflexos do que é ficar a parte do considerado padrão pela sociedade, o especial “Enlarguecer o debate: um olhar sobre questões da população gorda” intenciona exibir algumas das dores e problemáticas dessa população no mercado de trabalho, no acesso a bens e serviços, além de pautas relacionadas ao fortalecimento da autoestima e da busca por uma vida com mais saúde, sem significar uma perseguição ao corpo magro porque é o “ideal”.

3.2 FORMATO

Cursar uma faculdade de comunicação com habilitação em jornalismo em plena efervescência da era online é lidar com a notícia por meios digitais a todo instante. Sendo assim, desde a minha entrada na graduação, consumir conteúdo jornalístico disponibilizado na internet – mais do que hábito – virou obrigação, obviamente sem menosprezar os meios mais tradicionais, como o jornal impresso, revista, rádio e televisão.

No campo profissional, os meus estágios foram em veículos online. Iniciei na Agência de Notícias em CT&I - Ciência e Cultura, um projeto de extensão especializado na divulgação de temas de ciência, tecnologia e inovação, onde fiquei de setembro de 2014 a agosto de 2015. Coordenado pela professora Simone Terezinha Bortoliero, e que na época contava com orientação do professor José Roberto Severino, o conteúdo é produzido por bolsistas e alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, bem como por jornalistas especializados em CT&I e colaboradores.

Em seguida, tive uma passagem de três meses como estagiário da assessoria de comunicação da Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), em que atuava basicamente nas redes sociais da empresa, e depois, em janeiro de 2016, migrei para o portal Bahia Notícias (BN), onde comecei como estagiário e atualmente sou contratado na função de repórter da editoria *Holofote*. Criado há 12 anos pelo empresário Ricardo Luzbel e pelo jornalista Samuel Celestino, o BN é atualmente líder no Estado em notícias online no Facebook, onde é o único veículo a possuir mais de um milhão de seguidores.

As experiências listadas me levaram a considerar o jornalismo feito no meio digital para pensar e executar meu produto de conclusão de curso, tanto por acreditar no fortalecimento dessa área quanto por entender as possibilidades multimídias, como textos, fotos, vídeos e infográficos. Para Alves (2006, p.6), por exemplo, “a internet pode ser rádio, TV, jornal, revista, tudo ao mesmo tempo”. Para isto, o jornalismo não precisa mais respeitar todos os limites dos meios tradicionais, podendo misturar diversas características específicas de cada meio, formando uma narrativa diversificada.

Alves (2006) diz que quando o jornalismo vai para a web, deixa de ser um produto e passa a ser um “jornalismo-serviço”. Desta forma coloca as informações à disposição de quem quiser consumi-las. A tecnologia digital - seja através do webjornalismo ou não - “oferece ao receptor das mensagens jornalísticas ainda mais poder, ao abrir uma gama de possibilidades de busca e de reorganização do material oferecido pelos meios de comunicação” (ALVES, 2006, p.5).

Aqui cabe um parêntese. É preciso entender que o jornalismo desenvolvido para a internet não é um fenômeno concluído, e, sim, em constituição, até pelo pouco tempo de existência da própria rede – pouco mais de 20 anos - e a influência direta dos avanços tecnológicos. Sendo assim, nem a sua nomenclatura é um consenso.

Os autores norte-americanos utilizam o termo ‘jornalismo online’ ou ‘jornalismo digital’, já os autores espanhóis preferem o termo ‘jornalismo eletrônico’. Também, em outras fontes, são utilizadas as nomenclaturas ‘jornalismo multimídia’ ou ‘ciberjornalismo’. De forma genérica, pode-se dizer que autores brasileiros seguem os norte-americanos, utilizando com maior frequência o termo ‘jornalismo *online*’ ou ‘jornalismo digital’ (MIELNICZUK, 2003, p.22).

Já Canavilhas (2001) opta pelo termo “webjornalismo” porque a nomenclatura encontra-se relacionada com o suporte técnico. Ou seja, se para classificar o jornalismo

desenvolvido para a televisão, utiliza-se ‘telejornalismo’, para o jornalismo voltado para o rádio, chama-se de “radiojornalismo” e “jornalismo impresso” aquele que é feito para os jornais impressos em papel. Logo, a utilização desse termo parece natural. Com isso, neste memorial, utilizo tanto o “webjornalismo” quanto o “jornalismo digital ou online” para designar o conteúdo produzido para internet.

3.2.1 Papel do jornalista

Historicamente, o (a) jornalista é visto como o profissional que tem o compromisso de levar a “verdade” ao cidadão. Cabe a ele (a) conscientizar, oferecer informações úteis e formar opiniões através dos meios de comunicação, como jornais, revistas e rádio. É como se fizesse uma mediação entre fenômeno e o público. Sendo assim, ao pensar em um produto jornalístico é preciso se questionar sobre quais características o conteúdo deve possuir para que se torne interessante ao público que se destina. Cabe aos profissionais de jornalismo organizar o volume de informações coletadas por meio de diversos processos, a exemplo de classificar, priorizar, hierarquizar, incluir, excluir, adaptar e expor.

Por isso, inclusive, é importante se aprofundar nos assuntos em que pretende abordar, elaborar as pautas e, posteriormente, um roteiro a partir destes dados. “Uma boa reportagem, como uma cadeira, precisa se apoiar em quatro pernas: pesquisa, observação, entrevista, documentação. Se uma das pernas faltar [...], a reportagem não para em pé” (SOUSA PINTO, 2009, p. 89). É primordial também que sejam ouvidas, durante as entrevistas, várias fontes e observar e documentar diversas situações, mesmo que estas não sejam usadas diretamente no produto final. Como diz ainda Sousa Pinto (2009), “É fundamental que o repórter, principalmente o iniciante, não confie excessivamente na entrevista. É preciso levantar dados concretos, ouvir várias versões, obter documentos”.

Com a popularização da internet e a criação de novas formas de se consumir notícias, o papel do jornalista sofreu alteração. Obviamente que atribuir as mudanças apenas ao avanço da tecnologia seria reduzir a área a uma mediação dos meios. Porém, a influência é visível. A internet remodelou as relações entre emissor e receptor, permitindo a todos o acesso aos meios de publicação de conteúdos, modificando inclusive a maneira do jornalista se relacionar com o público.

[...] a informação produzida e circulante nas redes incide adicionalmente sobre o papel histórico do jornalista como “contador de histórias” (repórter), mas também como um “explicador do mundo” (analista / comentarista).

Essas funções, hoje em dias prejudicadas com o desencanto e a crise dos metarrelatos, puseram em descrédito todos aqueles que outrora batalhavam por revelar uma verdade, uma explicação, a “chave” dos acontecimentos. (MARCONDES FILHO, 2000, P.29).

Como resultado, os meios de comunicação de massa não mais detêm o monopólio de produção da notícia, que se encontra espalhado no meio virtual. Desse modo, os profissionais de jornalismo passaram a dividir o saber de produção discursiva da notícias – e, portanto, as relações de poder-saber vinculadas à ordem do discurso jornalístico – com o público, favorecendo uma comunicação horizontal. Atualmente, a produção dos veículos é diretamente pautada pela internet e, como consequência, pelas redes sociais. No papel do jornalista, o público passou a ter contribuição direta, mas não total.

3.2.2 O produto

A ideia de fazer um especial multimídia focado em problemáticas da população gorda surgiu após uma matéria para a disciplina Oficina de Jornalismo Digital, ministrada pelo professor Adalton dos Anjos, no semestre 2017.1. Na ocasião, em parceria com o repórter Thiago Conceição, trouxemos algumas histórias de mulheres gordas que têm seus corpos vistos apenas como alvos de fetiches sexuais masculinos e os efeitos proporcionados por isso em suas vidas, como problemas de autoestima, dificuldades de encontrar parceiros e solidão. Compartilhar tais histórias me fez entender que o meu lugar – enquanto homem gordo, negro e comunicador – era de dar voz às questões que de certo modo são minhas também.

Assim, montei um fluxograma básico com algumas sugestões de temas e apresentei para a professora orientadora Graciela Natansohn. Por conta da experiência prévia no meio do jornalismo digital e, como dito anteriormente, por acreditar no potencial do Bahia Notícias de propagação de conteúdo, graças ao alcance que o veículo possui - mais de quatro milhões de acessos por mês, de acordo com dados fornecidos pela empresa - disse que pensava em fazer um especial jornalístico - em que eu produzisse todas as pautas - sobre pessoas gordas inspirado no que outros jornais e portais já fazem, como o Correio24horas² aqui no cenário baiano.

²Plataforma online do jornal Correio, com acesso gratuito a todos os internautas. Fundado em 20 de dezembro de 1978, o Correio faz parte da Rede Bahia, afiliada da Rede Globo. Atualmente é o líder em circulação na Bahia, ultrapassando o jornal A Tarde que ocupou este posto por décadas.

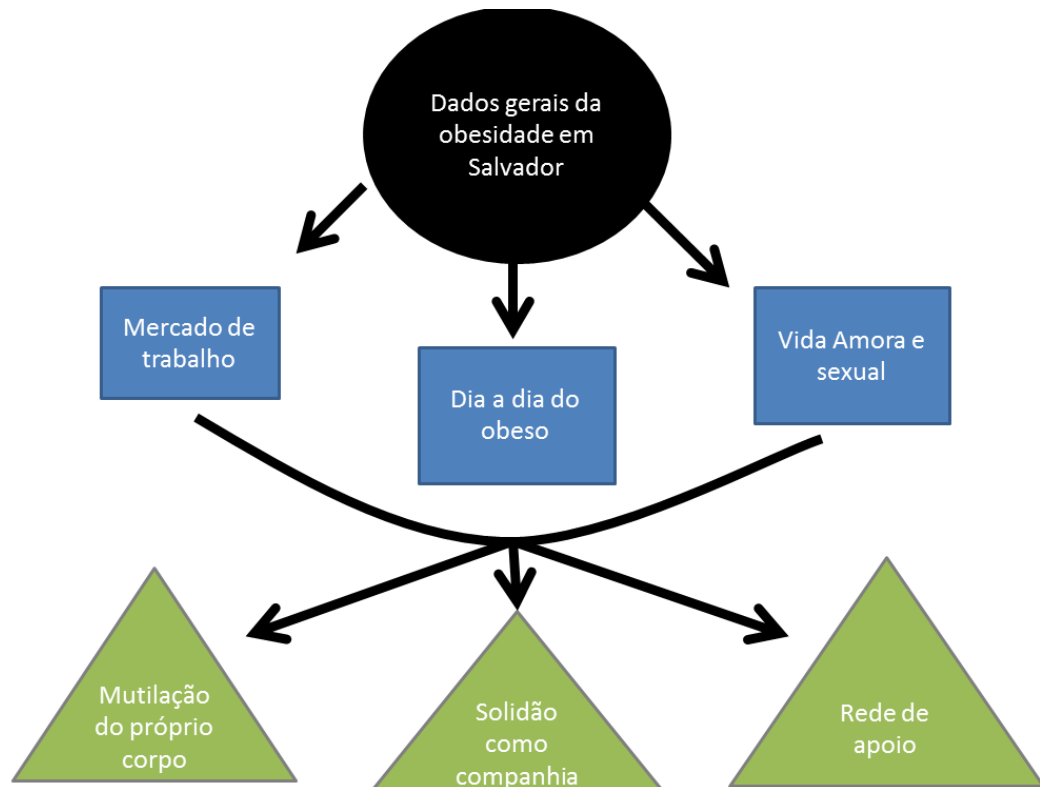


Ilustração 2. Fluxograma com as ideias iniciais do especial “Enlarguecer o debate: um olhar sobre questões da população gorda”. Fonte: elaboração própria

Com os temas aprovados, começamos a pensar na estrutura da informação, visto que o Bahia Notícias apesar de ser um veículo online apresenta limitações no *layout* e, por se tratar de um especial seria fundamental buscar uma forma diferenciada de organização, que respeitasse características básicas do próprio jornalismo digital, como a multimídia, hipertextualidade³ e personalização⁴. Após nova orientação com professora Graciela, pedimos ajuda a professor Adalton e entendemos que precisaríamos de auxílio externo para desenvolver o formato, pois atuaríamos estritamente no conteúdo.

Assim, contratei e expliquei a ideia ao programador - o engenheiro da computação Jadson Francisco-, que elaborou o *layout* em cima de um *Bootstrap*: ferramenta em código-fonte aberto, criada no ano de 2010 pelos engenheiros do *Twitter* Jacob Thorton e Mark Otto, que visa facilitar o desenvolvimento de site. No caso do meu produto, ele procurou um

³Essa característica, apontada por Bardoel e Deuze (2000) como específica da natureza do jornalismo online, traz a possibilidade de interconectar textos através de links.

⁴Também denominada de individualização, consiste na existência de produtos jornalísticos configurados de acordo com os interesses individuais do usuário.

modelo, colocou um slide no *banner*, localizado no topo da página, seguido de um vídeo de apresentação do conteúdo. Depois, vem uma estrutura em *cards*, tornando possível a adição de fotos das matérias e uma pequena descrição que será o link para o conteúdo completo.

Além disso, na aba “Contato” estão disponíveis todas as informações sobre a equipe que me auxiliou no desenvolvimento do produto, bem como informações de contato. Caso o leitor opte por enviar uma mensagem, o recado será direcionado para minha conta do *Gmail*, possibilitando a interação direta. Aqui cabe um parêntese, como dito, o produto será publicado como um especial jornalístico para o Bahia Notícias, contudo optei pela disponibilização no veículo após a análise da banca examinadora, para ser possível futuras alterações. Sendo assim, o produto está hospedado em um link provisório (<https://especialobesidade.000webhostapp.com/index.html>).

3.2.2.1 As pautas

Como mostrado no fluxograma, inicialmente elaborei sete pautas⁵ para funcionar apenas como reportagens. Porém, durante as orientações assistidas fui percebendo que alguns temas na prática eram complementares. Ou seja, poderiam ser abordados dentro do mesmo conteúdo. Além disso, professor Adalton também sugeriu a variação dos gêneros textuais jornalísticos, incluindo uma entrevista sobre saúde no formato ping pong e um perfil de alguma das fontes que carregasse uma história de inspiração.

Após esclarecimentos, as pautas passaram a ser desenvolvidas e executadas a partir do seguinte esquema:

⁵ As sete pautas estão disponíveis no Anexo 1



Ilustração 3. Modelo da arquitetura da informação utilizado na elaboração do conteúdo. Fonte: elaboração própria

A primeira pauta desenvolvida foi a do “Mercado de trabalho”. Em formato de reportagem, abordei relatos de pessoas gordas que sofrem tanto para entrar quanto para permanecer no mercado de trabalho por conta de pensamentos gordofóbicos. Aliado a isso, trouxe uma ação organizada pelo *Movimento Vai Ter Gorda* - que luta por mais visibilidade e respeito a essa população - juntamente com o *Serviço de Intermediação para o Trabalho (Sine Bahia)* - serviço que busca promover o contato direto entre empregador e trabalhador –, que ofereceu uma palestra com a supervisora do serviço de psicologia e qualificação social e profissional da unidade central do Sine Bahia, Juliete Barreto.

No encontro, Juliete deu dicas de como tentar enfrentar essa barreira do preconceito e ter sucesso na vida profissional. Em seguida, apresentei reclamações de funcionários e ex-funcionários da *Santa Casa de Misericórdia Bahia*, que apontaram a instituição como um lugar em que discrimina – através de comentários e “piadas”– as pessoas gordas. Por fim, adicionei a *FitDance* como uma empresa que entende a diversidade dos profissionais e opta pela inclusão em seu quadro de funcionários.

A segunda pauta desenvolvida foi a entrevista de saúde. A escolha do tema partiu do entendimento que boa parte da população gorda cresce ouvindo relatos de pessoas que se submeteram a cirurgia bariátrica, mas muitas vezes sem entender como funciona ou quando se faz necessária. Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM) revelam, por exemplo, que foram realizadas mais de 100 mil cirurgias bariátricas em 2016, aumentando 7,5% ao se comparar com 2015, quando 93,5 mil pessoas se submeteram a este procedimento.

Ainda de acordo com o órgão, o Brasil é considerado o segundo país do mundo em número de cirurgias realizadas, ficando atrás apenas dos EUA. Sendo assim, entrevistei o doutor Marcus Lima, especialista em videolaparoscopia e membro da SBCBM com o intuito de explicar o passo a passo do procedimento. Além da entrevista, fizemos um jogo de “Mitos ou Verdades” com questionamentos que povoam o imaginário popular e um *box* explicando onde e como realizar a cirurgia pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em Salvador. O resultado da entrevista tentou deixar explícito que a cirurgia não deve ser pensada com a finalidade estética. A intervenção é pensada para aqueles que apresentam algum problema de saúde em decorrência do excesso de peso.

A terceira pauta foi a do perfil jornalístico. A escolha da produtora cultural e digital influencer Carla Galvão como perfilada se deu através de pesquisa na internet e amigos em comum. No processo de estudo a respeito de matérias divulgadas sobre o movimento de pessoas gordas em Salvador, encontrei uma menção a ela em uma reportagem do jornal Correio. O texto trazia a questão da luta para emagrecer na adolescência porque desejava entrar em um padrão estético de corpo. Com isso e conhecendo sua militância através do perfil do *Instagram* GordaRoupa, entendi que seria uma boa personagem. Entrei em contato e comecei a estudar a sua vida, bem como a questionar algumas coisas a seus amigos (as). Depois, marcamos um encontro pessoal para coletar mais material humano e descritivo.

A quarta e quinta pautas trabalhadas foram as de “Dificuldades do dia a dia” e “Rede de Apoio”, respectivamente. Ambas seguiram a linha de raciocínio da reportagem “Mercado de Trabalho”: buscar relatos e histórias de pessoas que sofreram gordofobia no assunto abordado. Sendo assim, na primeira trouxe as insatisfações de viver um mundo com a lógica comercial e industrial pensada para pessoas magras. Ou seja, os problemas que pessoas gordas encontram em catracas de ônibus, poltronas de avião entre outros, além do exemplo de uma iniciativa privada mostrando o caminho da inclusão. Já na segunda reuni atitudes das próprias

peessoas que gordas para barrar a gordofobia e como algumas delas acabaram virando representantes dessa população na lutar por direitos e maior visibilidade.

3.2.2.2 As fontes

Desde o início, o maior desafio do especial “Enlarguecer o debate: um olhar sobre questões da população gorda” era o de encontrar fontes dispostas a falar sobre os temas. Pela pessoalidade de algumas das abordagens, em que o preconceito foi protagonista em muito dos momentos, arrancar desabafos para serem transcritos não foi fácil. Inicialmente, debrucei-me em materiais produzidos para/por pessoas gordas, preferencialmente aqui na Bahia, com o intuito de entender como/quais os questionamentos desta população estavam sendo debatidos.

Depois, fui procurando pessoas do meu próprio convívio. Comecei a lembrar daquelas histórias que “amigo do meu amigo” passou, fiz buscas nas redes sociais, entrei em grupos e debates de pessoas gordas, liguei para clínicas, centros de tratamento da obesidade, mas principalmente estive atento às possibilidades de encontrar tais situações nas ruas. Pois, se segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de 2013, 51% da população da Bahia está acima do peso e o recorte soteropolitano traz um percentual de 53,8%, de acordo com um estudo divulgado pelo Ministério da Saúde de 2016, sendo que o índice de obesos na capital baiana atinge 19,9%, valor maior que a média nacional (18,9%), encontrar pessoas que lidam com preconceito diariamente não seria uma tarefa tão difícil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, via o produto “Enlarguecer o debate: um olhar sobre a população gorda” como uma janela para apresentar questões fundamentais de parte da sociedade que é constantemente esquecida. Após esses meses de imersão, entendi que é muito maior: é o início de um movimento que visa pela inclusão e empoderamento da população gorda. E que para dar certo é preciso a participação de todos, pois para combater o preconceito e lutar por um mundo mais justo, o respeito é fundamental.

Apesar de ter encarado o especial como um laboratório experimental essencial para a conclusão no curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia, vi também como a oportunidade de fazer mais. De fazer mais por aqueles que, assim como eu, lidaram com a gordofobia desde a infância, mas resistiram. De fazer mais por aqueles que descobriram a gordofobia já na fase adulta e estão resistindo. De fazer mais por aqueles que não estão aguentando o peso do preconceito. No final, vejo o “Enlarguecer o debate” como um alerta e um pedido de atenção a todas estas pessoas, que são múltiplas até dentro do seu grupo.

Ser gordo não é sinônimo de doença. É possível ser saudável estando acima do peso estabelecido como “normal” pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Assim como, é possível ser magro e ter diversas comorbidades, a exemplo de hipertensão e diabetes. Querer colocar toda a população dentro de um padrão estético de corpo estabelecido que não é normal. É cruel.

Sendo assim, o mercado de trabalho precisa estar atento aos seus profissionais e não a um perfil “preferido”. As indústrias necessitam entender a variedade de corpos disponíveis e que todos precisam ser assistidos. Os profissionais de saúde carecem ter um olhar mais humano para essas pessoas e não trata-las apenas como seres em busca de dietas e à sociedade cabe absorver que um comentário só é piada quando todos acham graça. Se você ri sozinho, algo está errado.

Quanto ao lado jornalista, pude explorar várias potencialidades, como pensar no melhor *layout* para adaptação do conteúdo, bem como na própria arquitetura da informação. Variei os gêneros textuais jornalísticos, com a inclusão de reportagens, perfil e entrevista. Trouxe noções adquiridas no telejornalismo para fazer a entrevista em vídeo. Usei o aprendizado na oficina de radiojornalismo para edição de áudios, dicas de edição de conteúdo

online da oficina de jornalismo digital e noções de filmagem e montagem de fotografias com a oficina de comunicação audiovisual.

Por fim, fui na essência do ser jornalista ao apurar, pesquisar e se certificar para entregar um conteúdo que foi pensado com muito carinho e dedicação. Com o resultado, acredito que alcancei o objetivo de criar um produto que trouxesse problemáticas da população gorda e que será disponibilizado em um veículo de grande alcance, possibilitando a leitura de diversos públicos. Afinal, como disse ao longo deste memorial, a luta contra o preconceito precisa ser todos (as).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Denise de Oliveira. **Sala de recursos multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado**. Brasília, DF: Ministério da Educação : Secretaria de Educação Especial, 2006.
- _____ (2006) **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acessado em maio 2018.
- ANDRADE, S. **Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do século XX**. Movimento, Porto Alegre, v.9, n.1, p.119-43, 2003.
- ANJOS, L. A. Índice de massa corporal (massa corporal.estatura-2) como indicador do estado nutricional de adultos: revisão da literatura. **Rev. Saúde Pública**, v.26 no.6, pp. 431-6, 1992.
- BARBOSA, Suzana. “**Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais**”. In: CANAVILHAS, J. (Org). Notícias e Mobilidade. O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. Covilhã, PT: Livros LabCOM, 2013. p. 33-54.
- BARROS, J. A. C. **Políticas farmacêuticas: a serviço dos interesses da saúde?** Brasília: UNESCO, 2004. 272 p.
- BRASIL/ Ministério da Saúde. Pesquisas anuais realizadas em 2006 até 2010, publicadas sempre no ano subsequente, sob o título **Vigitel – Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico**, 2013.
- BRASIL/Ministério da Saúde. Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para a população brasileira: Promovendo a alimentação saudável**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- CANAVILHAS, João (2001) **Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acessado em mai. 2018.
- CASTRO, M. G. et al. **Cultivando vida; desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza**. Brasília: Unesco, 2001.
- DALMONTE, Edson Fernando; FERREIRA, Giovandro Marcus. **Webjornalismo, critérios de noticiabilidade e efeitos de sentido**. Comunicação: Veredas (UNIMAR), v. VII, p. 117 - 136, 2008.
- DEL PRIORE, M. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.
- DEUFEL, C.; NORONHA, A. **Reflexões Teóricas Sobre A Gordofobia Na Mídia: O Corpo Na Contemporaneidade**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 5, 2014, Santa Cruz do Sul.
- FIGUEIREDO, S.P. **Medicalização da obesidade: a epidemia em notícia**. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Geociências da Unicamp, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1989.

FREITAS, C. M. S. M.; LIMA, R. B. T; COSTA, A. S. FILHO, A. L. **O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC**. 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HERINGER, R.; SANT'ANNA, W.; MARTINS, S. & OLIVEIRA, S., 1989. **Negros no Brasil: Dados da Realidade**. Petrópolis: Editora Vozes/Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas.

IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 1987. **Estatísticas Históricas do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/digital/163/gordofobia-como-questao-politica-e-feminista/>>. Acessado em mai. 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, Michelle. **Da Moda do Corpo ao Corpo da Moda: Descontinuidades discursivas sobre o sujeito “gordo”**. V Colóquio ALED. Disponível em <<http://www.revistaaledbr.ufscar.br/index.php/revistaaledbr/article/view/48/43>>. Acesso em mai. 2018.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sonia Chagas; SANTANA, Isnaia Veiga. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 4. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: Uma Contribuição para o Estudo do Formato da Notícia na Escrita Hipertextual**. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2003.

MONTEIRO CA, et al. Causes for the decline in child under-nutrition in Brazil, 1996-2007. **Rev Saude Pública**. 43(1):35-43, 2009.

PALLONE DE FIGUEIREDO, Simone; VELHO, Léa; **A medicalização da obesidade**, 06/2012, IX Jornadas Latinoamericanas de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología - ESOCITE, Vol. 1, pp.1-27, Cidade do México, México, 2012.

POLI NETO, Paulo; CAPONI, Sandra N.C. **The ‘medicalization’ of beauty**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.11, n.23, Interface - Comunic., Saúde, Educ. p.569-84, 2007.

REMPEL, Gabriela e IENSEN BORTOLUZZI, Valeria, 2012. **A representação de feminino na Revista Gloss**. In: XII Seminário Internacional em Letras, 12º, 19-22 de jul. 2012, Santa Maria, RS. UNIFRA, 2012.

RIBEIRO, Naiana. **Revista PLUS**. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANEXO - Pautas

Título provisório: Enlarguecer o debate: Um olhar sobre a população gorda em Salvador

Linha de apoio: Dados e relatos de quem lida com o preconceito diariamente

Repórter: Júnior Moreira

Tema: Obesidade em Salvador

Objetivo da matéria:

A grade reportagem “Enlarguecer o debate: Um olhar sobre a população gorda em Salvador” tem como objetivo apresentar as complexidades que envolvem a população gorda na capital da Bahia. A ideia é desenvolver um fluxograma mostrando como uma ação, a exemplo da dificuldade de se arranjar empregos por conta exclusivamente do biótipo físico, pode desencadear em buscas por dietas milagrosas até casos extremos de bulimia e anorexia. Para isso, a primeira parte da matéria visa apresentar os dados gerais desta população, identificando o perfil desse grupo (como e quando uma pessoa é considerada obesa), mapear os grupos de riscos e quais classes sociais são mais atingidas, bem como apresentar as causas mais comuns para a elevação do quadro de obesos na Bahia e no Brasil.

A obesidade é um problema real da população mundial, mas pouca atenção ainda é dada pelos meios de comunicação. O debate, quando existente, é pautado apenas no estar “dentro ou fora” de um padrão e nos riscos que isso traz à saúde. Contudo, como qualquer população, os gordos e gordas formam um grupo heterogêneo, com demandas específicas, que muitas vezes são silenciadas. É curioso pensar como pessoas que são “tão vistas” não são alvos de políticas de inclusão, por exemplo. Por isso, este tema – e as complexidades que apresenta – justifica-se pertinentes para a produção de uma grande reportagem.

Contexto/ história:

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de 2013, 51% da população da Bahia está acima do peso. Já o recorte soteropolitano traz um percentual de 53,8%, de acordo com um estudo divulgado pelo Ministério da Saúde de 2016, sendo que o índice de obesos na capital baiana atinge 19,9%, valor maior que a média nacional (18,9%). Ou seja, boa parte desta população enfrenta a obesidade e quase nada ainda é feito. Não há medidas do poder público para incluir essas pessoas. Diariamente, obesos lidam com preconceitos no mercado de trabalho, dificuldades práticas na mobilidade, como o acesso ao transporte público, especialmente os ônibus, já que as catracas representam um dilema, além de dificuldades com cadeiras plásticas, portas de residências e apartamentos, lojas de vestimentas e dificuldades para relacionamentos. Com isso, a ideia neste primeiro momento é fazer um mapeamento com os dados gerais desta população que enfrenta todos esses problemas diariamente. Além disso, abordar o questionamento com os médicos se existe gordo saudável, visto que ao calcular o IMC (índice de massa corporal) para classificar o grau de obesidade, só levam em consideração o peso e a altura.

Fontes/contatos:

Dados do IBGE

Dados do Ministério da Saúde

Levantamentos realizados pelo Centro de Diabetes e Endocrinologia da Bahia - CEDEBA

Requisitos para a cobertura: fotógrafo, infográfico, autorizações

Imagens

Para este primeiro momento, a ideia de trazer os dados gerais desta população será acompanhada de infográficos.

Tema: Gordos em Salvador – Mercado de trabalho

Objetivo da matéria:

O primeiro braço da grande reportagem “Enlarguecer o debate: Um olhar sobre a população gorda em Salvador” objetiva trazer os dilemas vividos pela população gorda de Salvador no mercado de trabalho. Após o levantamento dos dados gerais, pretende-se expandir o debate sobre o preconceito que parte desta população enfrenta diariamente para conseguir um emprego e, às vezes, para manter este emprego. Para isto, busca-se trazer dados fornecidos por órgãos sobre o perfil do trabalhador empregado em Salvador e desabafos de pessoas gordas sobre a disputa na área profissional.

Contexto/ história:

O preconceito é um dos maiores problemas do Brasil. Desde a chegada dos portugueses, em 1500, diversos tipos de discriminações foram sendo reveladas. Racismo, intolerância religiosa, preconceito social são os mais lembrados, por conta da forma como a história foi sendo construída, tendo os negros, pobres e índios como as populações mais atingidas no processo das conquistas territoriais e imposição cultural do povo europeu. Por isso e, com as cobranças dos próprios brasileiros, as autoridades públicas vêm, ao longo do tempo, criando políticas para tentar minimizar essas dívidas históricas. O debate é muito necessário, pois o massacre a esses povos foi arrasador. O saldo negativo da escravidão, por exemplo, é imenso. Até hoje a população negra é tratada como inferior, já que no decreto da abolição da escravatura, em 1888, nada foi feito para a inclusão dos negros na sociedade, permanecendo por anos à margem das conquistas sociais. Contudo, até as minorias são heterogêneas. Ou seja, se hoje é potente o debate – e super legítimo -sobre a não aceitação do racismo, por exemplo, o mesmo não é feito pela gordofobia. Com a imposição do padrão de beleza, trazido pela globalização, as pessoas gordas passaram a serem vistas como preguiçosas, descuidadas e propensas a mais problemas de saúde do que os que possuem . Por conta disso, entrar no mercado de trabalho é também uma batalha. Diversos são os relatos de pessoas que alegam serem recusadas, mesmo tendo todas as exigências solicitadas, apenas por estar acima do peso. Para se ter uma ideia, segundo uma matéria da Abril, cinco professoras aprovadas em concurso, em 2011, não puderam entrar para o funcionalismo paulista devido à obesidade. Em uma entrevista, o publicitário e apresentador de TV Roberto Justus declarou que não se deve contratar quem está acima do peso, pois isso seria um sinal inequívoco de desequilíbrio e falta de inteligência. Sendo assim, apesar de novo, é um debate necessário, diante do quadro de obesos existentes em Salvador.

Fontes/contatos:

Pessoas gordas que foram rejeitadas de empregos por conta de seu porte físico
 Consultar empresas e saber o que levam em consideração na contratação
 Exemplos de empresas que optam pela diversidade
 Pessoas que foram aceitas nessas empresas

Requisitos para a cobertura: credenciais, fotógrafo

Tema: Dia a dia do gordo

Objetivo da matéria:

O segundo braço da grande reportagem “Enlarguecer o debate: Um olhar sobre a população gorda em Salvador” objetiva apresentar as dificuldades práticas desta população; seu dia a dia. É de consciência geral que os utensílios domésticos, bem como, a lógica do acesso às serviços são pensados para os não obesos. Sendo assim, a matéria busca confirmar essa realidade, através de depoimentos de pessoas que enfrentam tais situações diariamente. Quando pensamos em utensílios domésticos e acesso às serviços, estamos falando de produção de cadeiras plásticas, poltronas, camas, que geralmente não suportam pesos mais elevados, vestuário, que já é uma reclamação recorrente nas lojas de departamento, além de portas de residências, na qual muitas são estreitas, catracas dos ônibus, assento de avião etc. São diversos relatos de situações constrangedoras justamente por não ser um público priorizado e, por isso, a pertinência de abordar tais deficiências. Claro que atualmente já existe uma parcela dedicada a atender esse público, porém, geralmente, os custos são mais elevados do que a produção de larga escala, justamente por ser tratado como um “serviço personalizado”.

Contexto/ história:

A sociedade do consumo é uma das maiores raízes do sistema capitalistas, intensificada ao longo do século XX. Nela, o desenvolvimento econômico e social é pautado pelo aumento do consumo, que resulta em lucro ao comércio e às grandes empresas. Sendo assim, as pessoas são inseridas nessa lógica e incentivadas a comprar o tempo todo, muitas vezes, sem necessidade. Com a padronização de um “modelo de corpo”, a indústria passou a direcionar sua atenção a esse público, pois a lógica é vender para a maioria e quem “está fora” desse raio que lute para entrar. Com isso, os utensílios domésticos, lojas de departamento, marcenaria etc não priorizam as “minorias”, especialmente os obesos.

Fontes/contatos:

Pessoas em geral que enfrentam esses problemas diariamente;
 Psicólogo para abordar a dificuldade de acesso e aceitação;
 Representantes de empresas que não focam nesse público;
 Representantes de iniciativas que buscam atender esse público.

Requisitos para a cobertura: fotógrafo, infógrafo, ilustrador

Imagens

Pensando que um dos maiores dramas da população gorda, quando pensamos em acesso às serviços públicos, acredito que uma imagem representativa seria a catraca de ônibus, pois representa um drama diário. Além disso, para essa reportagem penso em vídeos com depoimentos de algumas dessas pessoas.

Tema: Vida Amora e sexual

Objetivo da matéria:

O terceiro braço da grande reportagem “Enlarguecer o debate: Um olhar sobre a população gorda em Salvador” busca destacar os desafios da vida amorosa e sexual dos obesos. Diante de todas as dificuldades no seu dia a dia, em que os preconceitos vão sendo mostrados a cada novo ambiente, não seria estranho pensar que os relacionamentos amorosos não são fluídos e fáceis. As pessoas são lembradas a todo instante a priorizar a magreza. Ser magro é ser belo. Ser magro é ser atraente. Sendo assim, gordos e gordas ficam deslocados dessa ótica. Claro que existem casos de sucesso e superação. Afinal, a sociedade é plural e os gostos também, mas de regra não é assim. É muito mais difícil para uma pessoa gorda despertar o interesse de alguém em festa; é muito mais escasso ser correspondido; é muito mais raro encontrar representações na mídia de casais gordos. Por isso, destacar os problemas na vida amorosa também se faz necessário para traçar os dilemas dessa população. Para isso, a reportagem trará exemplos de histórias que não aconteceram por conta de porte físico, ou até aconteceram, mas foram conduzidas sob a ótica da vergonha, do assédio moral, e da frustração por alguma das partes.

Contexto/ história:

Ao retroceder na história da humanidade, percebe-se que o corpo sempre foi alvo de especulações, desejos e restrições. Se por um lado, o homem já foi muito valorizado por ser gordo, pois representava riqueza. Hoje, é visto como descuido. Por outro lado, a cobrança é ainda maior para as mulheres. Do molde curvilíneo da antiguidade, em que elas eram retratadas com seios fartos e quadril largo, como símbolo de fertilidade, passando pelos anos de 1960, momento em que o desenho feminino passou a ser mais erotizado e à mostra, chegando aos musculosos corpos dos anos 2000, a sociedade constantemente tenta enquadrar um padrão. E aquelas que não se encaixam, tendem ser vistas como segunda, terceira, quarta opção ou até mesmo como alvos apenas de desejos masculinos. O fato é que ter o corpo fora do “padrão” reflete diretamente na hora de conquistar e ser conquistado.

Fontes/contatos:

A ideia é focar nas histórias dessas pessoas. Relatos de quem passa por isso sempre e como buscam lidar com a rejeição por conta do tipo físico. Existe um grupo no Facebook chamado “Gordinhas Lindas Oficial da Bahia”, com mais de 5000 membros. Lá diariamente casos desse tipo são relatados. As fontes poderão sair desse grupo

Requisitos para a cobertura: credenciais, fotógrafo, infógrafo,

Imagens

Vídeos com alguns dos desabafos
Fotos de algumas das fontes
Ilustração com algum depoimento forte

Tema: mutilações no próprio corpo

Objetivo da matéria:

A partir da demonstração dos três braços que cercam as dificuldades da população gorda, a primeira perna da grande reportagem “Enlarguecer o debate: Um olhar sobre os obesos em Salvador” objetiva iniciar a discussão sobre as consequências no emocional por serem como são. É fato que resistir diante de tantas cobranças pode e abala o psicológico de muitos gordxs. Volta e meia surgem casos na mídia de pessoas que aderem a dietas “milagrosas”, no intuito de entrar nesse padrão, ou até mesmo pessoas que desenvolvem doenças como bulimia e anorexia, além dos casos que partem direto para as intervenções cirúrgicas, a exemplo da bariátrica, balão gástrico etc. Sendo assim, essa pauta se faz necessária para trazer algumas dessas histórias da “busca de pertencimento” e exibir quando pensar nas cirurgias se faz necessário, apresentando seus riscos e benefícios.

Um box de como procurar ajuda pelo serviço público de saúde também será desenvolvido

Contexto/ história:

A cobrança por um corpo ideal é intensa. A TV, revista, jornais e internet bombardeiam informações diariamente apontando os motivos para estar dentro do padrão. As propagandas exibem que é necessário apenas força de vontade e que a “simples” mudança de vida será o caminho mágico e rápido para emagrecer. Não é bem assim. A obesidade tem causa multifatorial, envolvendo questões biológicas, econômicas, sociais, políticas e culturais. É preciso atenção e acompanhamento para evitar automutilações. O número de cirurgias bariátricas no Brasil aumentou 7,5% em 2016 em comparação com o ano de 2015. Os dados são da SBCBM – Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica e apontam que no ano passado cerca de 100.512 pessoas fizeram a cirurgia.

Fontes/contatos:

Pessoas que se submeteram as dietas “milagrosas” para emagrecer;
 Pessoas que desenvolvem algum transtorno de alimentação por não conseguir emagrecer
 Representantes da SBCBM – Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica;
 Representantes do SEDEBA
 Pessoas que realizaram bariátrica (Casos de sucesso e de fracasso; saber o que mudou)

Requisitos para a cobertura: credenciais, fotógrafo, ilustrador

Imagens

Acredito que fotos dessas fontes, em seus ambientes, traduzam o espírito da reportagem;
Além disso, um gráfico com a evolução do número de cirurgias bariátricas ao longo dos últimos 10 anos em Salvador

Tema: Solidão como companhia

Objetivo da matéria:

A segunda perna da grande reportagem “Enlarguecer o debate: Um olhar sobre a população gorda em Salvador”, busca apresentar os casos de depressão e solidão da população gorda. Com dados de rejeição, é cada vez mais comum encontrar relatos de pessoas que praticamente desistiram da vida por não se sentir parte da sociedade. Esta matéria objetiva focar mais especificamente nas mulheres gordas, que é a parcela que mais sofre, pois a indústria de vestimenta, cosméticos etc é muito mais incisiva nas mulheres. O homem gordo, se for bem sucedido, por exemplo, ainda consegue se “dar bem” no quesito amoroso, a mulher, às vezes nem assim. Além disso, boa parte das meninas ainda são educadas com a ideia de casamento como sinônimo de felicidade. Sendo assim, ao não conseguir encontrar um par, muitas acabam se “anulando da vida”. São diversos relatos de mulheres que se sentem desprezadas por homens ou que são vistas apenas como alvos de fetiches, um pedaço de carne. Nesses casos, a objetificação do corpo assume um protagonismo que fica restrito só na cama. Por isso, a pauta mostra-se necessária para debate.

Contexto/ história:

O fato é que as mulheres gordas são julgadas por todos os lados por serem como são. “Nossa, você tem até um rosto bonitinho”, “Se emagrecesse um pouquinho ficaria linda”, são frases escutadas no cotidiano delas. Além da rejeição, em que são vistas apenas como ‘passatempos’ para os homens, o que inviabiliza uma vida amorosa estável, para aquelas que almejam esse status, elas são, muitas vezes, ignoradas no mercado de trabalho, na TV, no cinema, na publicidade, sem nem terem o direito de reclamar, pois serão tachadas como o comportamento desviante do aceitável. Apesar do debate atual, esse tema já era discutido há alguns anos. Uma pesquisa intitulada “Por que o mundo odeia as gordas”, de 2006, revelou que 52% das leitoras acham que é pior engordar 15 quilos do que reduzir o salário em 30%; 37% ficam incomodadas vendo uma mulher gorda comer hambúrguer com batatas fritas e 66% admitiram já ter feito um comentário maldoso ao ver uma mulher gorda usando biquíni. Os dados são da revista Marie Claire. Sendo assim, das formas de discriminação discutidas, talvez a que envolva as mulheres gordas seja a mais delicada, pois ao analisar que atitudes racistas ou homofóbicas são condenáveis, aparentemente não há problemas em condenar alguém acima do peso esperado. Com isso, a solidão vira uma realidade na vida de centenas delas. Muitas se isentam do mundo por não saber lidar com os frequentes ataques e descasos das pessoas; outras que idealizaram durante anos uma relação estável enclausuram-se por frustração ao perceber que serão encaradas apenas para prazeres sexuais.

Fontes/contatos:

Mulheres e homens gordos;

Youtuber gorda e militante Alexandra Gurgel que debate sobre a questão da solidão da mulher gorda;

Psicólogos para falar sobre rejeição e como isso afeta a vida social

Requisitos para a cobertura: credenciais, fotógrafo, infógrafo

Imagens

Alguma imagem sobre luz mostrando os contornos do corpo gordo

Anexos: Vídeo de Alexandra fazendo desabafo sobre a solidão da mulher gorda; gravar alguns relatos dessas fontes para usar como mídia.

Tema: Rede de apoio

Objetivo da matéria:

Por fim, a última perna da grande reportagem “Enlarguecer o debate: Um olhar sobre os obesos em Salvador”, pretende apresentar a rede de apoio das pessoas gordas. É fato que ser uma minoria, aparentemente silenciada, é difícil, pois acarreta diversos problemas pessoais, psicológicos e até da ordem de terceiros. Ou seja, que não depende deles. Contudo, com o fortalecimento da internet e, por consequência, redes sociais, diversos grupos de apoios estão surgindo. Pessoas semelhantes utilizam suas experiências para servir de conforto para outras que vivem seus dramas. E não só isso, atualmente existe um movimento de valorização de ser quem é. Desse modo, a pauta quer trazer esses exemplos para tentar mostrar se a solidariedade e empatia estão ajudando a lidar com a obesidade em um mundo que ainda prioriza a magreza.

Contexto/ história:

A internet tem se tornado um espaço importante tanto como apoio quanto como fonte de informações para pessoas que se sentem excluídas da sociedade. Comunidades, redes de discussão e mesmo grandes campanhas online têm ganhado cada vez mais espaço. Com os gordos e gordas não é diferente. No final de 2017, um caso de gordofobia mobilizou muita gente. No dia 24 de dezembro, Danilo Gentili compartilhou uma reportagem com a youtuber Alexandra Gurgel em que falou sobre questões da população gorda. O apresentador ironizou a matéria e em um tuite deu a que esse raciocínio é uma “chatice”. Um dia depois, no Natal, ele publicou uma foto de Alexandra em que a moça está de sutiã e “brincou” dizendo: “Eu sei que é difícil de acreditar, mas eu comi mais que essa mina”. Com isso, a youtuber decidiu usar seu canal no YouTube para desabafar sobre o assunto. No vídeo, descreveu como se sentiu ao ver o que estava acontecendo e criou #GordofobiaNãoÉPiada”, compartilhada nas redes sociais e que ficou em primeiro lugar entre os assuntos mais comentados do Brasil no Twitter e entre os dez mais comentados do mundo. A intenção da pauta é apresentar algumas dessas redes de apoio e saber como estão lutando contra o preconceito e ajudando outras pessoas.

Fontes/contatos:

Youtuber Alexandra Gurgel;

Membros da página do Facebook Gordinhas Lindas Oficial da Bahia

Carla Galrão e Naiana Ribeiro, jornalistas que tem desenvolvido trabalhos para auto estima das mulheres gordas em Salvador

Requisitos para a cobertura: credenciais, fotógrafo

Imagens

Penso em imagens que reforcem esse ideal de força e união da população gorda;

Um GIF com gordos e gordas em destaques no cenário nacional

Anexos: Parte da entrevista de Alexandra e a discussão com Danilo Gentili